



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

FORMAÇÃO DE AGENTES MULTIPLICADORES ENTRE UNIVERSITÁRIOS E ALUNOS DE ENSINO MÉDIO PARA UMA SEXUALIDADE SEGURA E PRAZEROSA

Área temática: Educação

Adrielle Cristine de Freitas Batista¹; Maísa Gonçalves Lima¹; Raul Aragão Martins²; Luciana Aparecida Nogueira da Cruz²; Suzy Mary Granzoto Poiate³; Fabiana Augusta Donati⁴; Thais Emília de Campos⁵; Luis Henrique dos Santos Barcellos⁶; Priscila Lopes Orati³; Ayane Tufo Lima⁶; Eduarda Rossi⁶.

¹Universidade Estadual Paulista (Unesp); Curso de Pedagogia do campus de São José do Rio Preto; PIBIC/CNPq.

²Universidade Estadual Paulista (Unesp); Departamento de Educação do campus de São José do Rio Preto.

³Universidade Estadual Paulista (Unesp); Seção Técnica de Saúde do campus de São José do Rio Preto.

⁴Colégio Agostiniano São José de São José do Rio Preto.

⁵Universidade Estadual Paulista (Unesp); Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp, campus de Marília.

⁶Universidade Estadual Paulista (Unesp); Curso de Pedagogia do campus de São José do Rio Preto; Pró-Reitoria de Extensão Universitária da Unesp (Proex/Unesp).

Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de São José do Rio Preto.

Resumo

Considerando a sexualidade como um tema que passou, a partir dos anos 80 (século XX) a ser discutido em toda a sociedade, devido em grande parte ao surgimento do vírus HIV, responsável pelo desenvolvimento da Aids, o projeto "E aí?!" – Equipe de Apoio do Ibilce, implantado em 2004 no campus de uma universidade pública, situada em uma cidade do interior de São Paulo, tem como proposta estimular o desenvolvimento da autonomia do jovem diante de sua vida sexual. Essa autonomia se enquadra numa perspectiva de fortalecimento e valorização dos jovens sobre práticas na promoção dos direitos sexuais e direitos reprodutivos, da prevenção das DST/HIV/Aids, no que diz respeito à sensibilização dos universitários para a testagem de HIV e outras DSTs, incentivo ao uso consistente de preservativos, sensibilização para práticas de sexualidade prazerosa, segura e responsável. O projeto ainda foi expandido para duas escolas de ensino médio, o qual possui objetivos parecidos, mas levando em consideração a faixa etária envolvida. Além das questões relativas à prevenção e do desenvolvimento da autonomia, o projeto também se volta para uma perspectiva emancipadora, na qual se propõe a reeducar em gênero os meninos, fortalecendo o respeito para com suas companheiras e demais mulheres, e estimular as meninas a reivindicarem seus direitos sexuais. O projeto "E aí?!" se mostra efetivo quando, pesquisas realizadas dentro do Instituto, asseguraram que as ações dos agentes

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

multiplicadores contribuíram para uma prática sexual mais segura entre os universitários com aumento do uso de preservativo e maior busca por informação, para maior visibilidade dessas discussões no campus e também nas escolas parceiras e entre seus pares, compreensão da sexualidade como um ato social que proporciona prazer, mas que também pode trazer complicações de saúde ou gravidez não planejada e, para uma crescente discussão acerca da sexualidade e questões relacionadas à gênero, rompendo gradualmente com valores e comportamentos orientados pela cultura machista.

Palavras chave: Universitários; Prevenção; Sexualidade.

1. Introdução

O tema da sexualidade passou, a partir dos anos 80 (século XX) a ser discutido em toda a sociedade, devido em grande parte ao surgimento do vírus HIV, responsável pelo desenvolvimento da Aids (PASCON, ARRUDA e SIMÃO, 2011; BRASIL, 1995). A sociedade, naquele período, estava em uma fase áurea em relação a este tema devido, principalmente, a duas descobertas científicas. A primeira, a introdução dos antibióticos no início dos anos 50, que trouxe a cura para as principais doenças sexualmente transmitidas (DST), especialmente a sífilis. A segunda, a pílula anticoncepcional, que permitiu pela primeira vez na história da humanidade a prática sexual sem a preocupação da gravidez. A união destes dois fatores levou a um aumento das relações sexuais sem uso de preservativos, pois se a pessoa contraísse uma DST bastava tomar algumas doses de antibiótico.

Dentro deste cenário a difusão do HIV foi rápida, inicialmente sendo mais presente entre os homossexuais, prostitutas e usuários de drogas injetáveis, que passaram a ser chamados de “grupos de risco” (BRITO, CASTILHO e SZWARCOWALD, 2000). Posteriormente verificou-se a sua existência em outros grupos populacionais, como as pessoas que receberam transfusão de sangue e os próprios heterossexuais, o que obrigou as autoridades sanitárias a mudarem o seu discurso: de “grupos de risco” para “comportamentos de risco”, que envolvia, por exemplo, ter relações sexuais sem uso de preservativos. Esta mudança, entretanto, não melhorou os índices de proteção, em especial entre os adolescentes e jovens, pois se encontram na faixa etária de maior prática sexual.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Percebendo que as campanhas baseadas nas abordagens de “grupo” e ou “comportamentos” de risco, para que as pessoas não contraíssem o vírus HIV, não estavam funcionando, pois os índices de contaminação continuavam crescendo, Mann e colaboradores (MANN e TARANTOLA, 1996) introduziram o conceito de vulnerabilidade, por considerarem que estar vulnerável a alguma situação é próprio do ser humano. Esta análise envolve três componentes: o individual, o social e o programático. A nova tarefa, convencer a população em geral que qualquer pessoa está sujeita a contaminação, é complexa, pois cada segmento social tem as suas especificidades, que dependem de suas características econômicas, sociais e culturais.

Nesta perspectiva a compreensão de como jovens percebem e conduzem a sua vida sexual é um fator importante para o desenvolvimento de trabalhos preventivos, pois esta falta de conhecimento tem levado a estratégias de prevenção que ou trazem uma linguagem metafórica, o que dificulta a compreensão delas, ou, outras vezes, vulgariza e instiga preconceitos de inúmeras ordens (LIMA e CARDOSO, 2000). O estudo de Ayres (2002) confirma que as campanhas iniciais com métodos terroristas e a segregação e discriminação dos doentes acometidos pela patologia perdem espaço social e apresentam-se sem muitos resultados; o histórico do perfil da epidemia nos mostra a necessidade de uma abordagem cada vez mais ampla e precoce, justificando a importância de se trabalhar o jovem.

Segundo pesquisa de Gir, Duarte e Carvalho (1997), crenças populares sobre o preservativo, como perda da sensibilidade, incômodo pelo atrito, e relações hierarquizadas de gênero, tais como somente os homens poderem carregar preservativo, influenciam, em grande parte, o uso não regular da medida preventiva. Pesquisas como a de Ayres (2003) e Jeolás (2006) mostram que o fato do jovem fazer parte de um grupo em situação de vulnerabilidade, nos força a repensar a prevenção em saúde, estendendo o entendimento da prevenção para o educacional, objetivando estimular o desenvolvimento da autonomia do jovem diante de sua vida sexual. Essa autonomia se enquadra numa perspectiva de fortalecimento e valorização dos jovens sobre práticas no campo da promoção dos direitos sexuais e direitos reprodutivos, e da prevenção das DST/HIV/Aids.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

No campo da saúde e prevenção às DST/Aids, temos na cidade em que o projeto de extensão é desenvolvido, o Programa Municipal de DST/Aids, que tem por meta alcançar toda a população e para isto desenvolve ações para grupos determinados, como os adolescentes que estão no Ensino Médio e os jovens universitários. Esta preocupação se dá por ser uma cidade de porte médio do interior do estado de São Paulo (cerca de 450.000 habitantes) e contar com um expressivo contingente de universitários. Ela tem duas universidades públicas e cinco centros universitários privados, que totaliza cerca de 30.000 estudantes (BARBOSA et al. 2006). O campus de uma das universidades públicas da cidade faz parte deste projeto e tem, inserido nele, alunas(os) das licenciaturas e bacharelados, além de alunas de pós-graduação, que após formação sobre o tema do projeto, atuam como multiplicadoras(es) entre os seus pares. No campus, este projeto foi implementado em 2004 a partir da criação da Equipe de Apoio do IBILCE - “E aí?!”, sendo posteriormente ampliado para duas escolas de Ensino Médio, onde o projeto passou a ser chamado “E aí?! Jamil” e “E aí?! Justino”, em função dos nomes das escolas. O projeto tem como proposta sensibilizar universitários e alunos do Ensino Médio para a testagem de HIV e outras DSTs, além de incentivar o uso consistente de preservativos, sensibilizar para práticas de sexualidade prazerosa, segura e responsável e aproximar universitários e estudantes de ensino médio das Unidades de Atenção Básica de Saúde.

2. Material e Metodologia

O desenvolvimento do projeto está organizado em três pontos: formação de agentes multiplicadores, sensibilização dos estudantes e avaliação das atividades. Para a formação dos agentes multiplicadores são utilizados os seguintes recursos: a) cursos de capacitação de 36 horas promovido pelo Programa Municipal de DST/Aids da Secretaria de Saúde do município; b) formação quinzenal promovida pelos próprios multiplicadores, por meio de grupos de estudo, a respeito de temas que envolvam sexualidade e gênero, no qual um multiplicador é responsável por escolher e explanar textos a respeito de determinado assunto em uma reunião aberta, no qual estão presentes não somente os multiplicadores, mas também a comunidade universitária; c) a partir do

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

curso de capacitação e formação quinzenal os estudantes disponibilizam, individualmente e nos “camisômetros” (nome dado pelos próprios alunos para as caixas de dispensa de preservativos fixadas nos banheiros e locais de grande movimentação estudantil) preservativos masculinos e femininos e gel lubrificante; d) a fim de conscientizar e alcançar o máximo de universitários sobre prevenção, o projeto, em parceria com o Programa Municipal de DST/Aids, oferece semestralmente a visita da unidade móvel de Testagem para HIV/Aids, no campus universitário. Para sensibilização dos universitários e alunos de Ensino Médio (não multiplicadores) são organizadas, além das reuniões quinzenais que abordam temas diversificados sobre a sexualidade em todos os seus âmbitos, oficinas de prevenção e sexo seguro, estandes com materiais de prevenção, como preservativos, folders e panfletos informativos, seção de vídeos e eventos, como simpósios e semanas científicas, em parceria com outros projetos e instâncias da universidade. Para acompanhamento do projeto será utilizado o grupo focal com agentes multiplicadores e universitários. Na escola de ensino médio são realizadas reuniões semanais de acompanhamento do projeto, onde uma multiplicadora universitária realiza a comunicação entre os dois projetos e auxilia os alunos de ensino médio no desenvolvimento das seguintes atividades: a) caixa de dúvidas; b) apresentação e discussão de vídeos; c) cartazes e estandes demonstrativos; d) manutenção de informações via redes sociais (CAMPOS e MARTINS, 2014).

3. Resultados e Discussões

Os resultados iniciais mostram que os multiplicadores, tanto universitários como os alunos da escola parceira, estão aptos para trabalhar como agentes de prevenção entre pares, uma vez que estes se sentem mais confiantes e preparados para informar o grupo, e seus pares mais confortáveis na busca por informação com indivíduos da mesma faixa etária, aumentando assim a procura por preservativo e testagem para o HIV-Aids. Essa relação é importante, pois os adolescentes e jovens adultos, por aceitarem e acolherem a sexualidade, naturalizam a sua prática (TAQUETTE e VILHENA, 2008) e o contato diário com seus pares fazem com que reflitam mais sobre estas condutas.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

No decorrer do projeto emergiram dúvidas, curiosidades e interesses sobre o tema sexualidade, fato que enfatiza a importância dos multiplicadores para disseminar informações que podem prevenir riscos entre seus pares. Também é necessário apontar a crescente autonomia entre os alunos de Pedagogia e outras licenciaturas, vinculados ao projeto “E ai?!”, assim como entre os alunos do Ensino Médio, uma vez que recaísse sobre eles a responsabilidade de organizar e distribuir as tarefas dentro do grupo, sendo possível notar uma crescente autonomia moral (MENIN, 2002) e o fortalecimento do trabalho cooperativo.

Encontramos ainda resultado significativo entre as participantes do sexo feminino, uma vez que estas puderam se empoderar através de estande e das discussões a partir da literatura e vídeos realizados durante os encontros, entendendo o direito de exercer sua sexualidade de maneira prazerosa e segura para ela, não somente em função do parceiro (RAMOS, 2015). Nesse sentido, o projeto proporcionou oportunidades ricas e válidas de crescimento pessoal, ao estimular as meninas a reivindicarem seus direitos sexuais e reeducar em gênero os meninos, fortalecendo o respeito para com suas companheiras e demais mulheres. Para os alunos das licenciaturas, houve um acréscimo profissional muito importante, pois puderam entender como a sexualidade humana se manifesta desde as primeiras etapas de vida, de maneira a auxiliar um trabalho consciente, em que a educação sexual se dará de forma lúcida, considerando as etapas de desenvolvimento da criança, sem repreendimentos.

Dentre as diversas ações do grupo, a instalação dos “camisômetros” foi um passo importante, uma vez que proporcionou o acesso ao preservativo àqueles que o necessita e, no entanto, desejam preservar sua privacidade, resultando no maior uso deste. Além disso, os estandes realizados mensalmente funcionam como meio para divulgação do projeto e ao mesmo para educação sexual, uma vez que durante estes são realizadas caixas de dúvidas, ou mesmo pequenas “oficinas” de sensibilização, a partir da utilização de uma caixa de sensações, que tem como objetivo ilustrar que o uso do preservativo não diminui a sensibilidade no ato sexual, questão essa que apareceu em pesquisas realizadas com as universitárias do campus, como justificativa para o não uso regular do preservativo nas práticas sexuais.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

Os resultados alcançados pelo projeto são diversos, abrangendo as esferas pessoal e grupal, contribuindo para avanços dos participantes ativos e também da comunidade Ibilceana, no desenvolvimento de ações de prevenção e educação sexual.

4. Conclusão

As pesquisas realizadas dentro do campus universitário mostram a efetividade do projeto ao assegurar que as ações dos agentes multiplicadores contribuíram para uma prática sexual mais segura entre os universitários com aumento do uso de preservativo e maior busca por informação. O crescimento das discussões entre seus pares mostrou-se decisivo para a compreensão da sexualidade como um ato social que proporciona prazer, mas que também pode trazer complicações de saúde ou gravidez não planejada. Além disso, as ações do projeto contribuíram para reflexões sobre questões relacionadas aos gêneros, rompendo gradualmente com valores e comportamentos orientados pela cultura machista.

Entre os alunos das escolas parceiras alcançaram-se resultados, semelhantes, principalmente relacionados com o rompimento de temas considerados como tabu pela sociedade, como a iniciação sexual de adolescentes. Sabe-se que atualmente a educação sexual é pouco e/ou inadequadamente explorada nas escolas de Ensino Médio, pois muitas vezes acaba ficando a cargo somente do professor de biologia, que trata dos aspectos biológicos da reprodução, não abordando a sexualidade em seu sentido amplo. Nesse sentido, observa-se que foi bastante importante e positiva a inserção desses alunos no projeto, pois houve a possibilidade de capacitá-los para desenvolverem ações em sua escola. Os adolescentes que participaram do projeto no campus e que posteriormente desenvolveram as mesmas ações nas escolas de Ensino Médio, se mostraram aptos a trabalhar com seus pares, o que permitiu criar um ambiente favorável na escola para discussão e orientação sobre questões relacionadas com a sexualidade e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Além disso, a implantação do projeto no campus possibilitou o desenvolvimento de diversos trabalhos científicos, como Trabalhos de Conclusão de Curso, iniciação





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

científica, dissertação e teses, contribuindo assim para o aumento de estudos em uma área científica caracterizada ainda pela escassez de investigação.

5. Referências

AYRES, J. R. C. M. Práticas educativas e prevenção de HIV/Aids: lições aprendidas e desafios atuais. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 6, n. 11, p. 11-24, ago. 2002

. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832002000200002>.

AYRES, J. R. C. M. Adolescência e AIDS: avaliação de uma experiência de educação preventiva entre pares, **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 7, n. 12, p. 123-138, Feb. 2003. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-32832003000100009>.

BARBOSA R. G., GARCIA, F C. P., MARTINS, R A, MANZATO, A J, VIEIRA, F T. Conhecimento sobre DST/AIDS, hepatites e conduta sexual de universitários de São José do Rio Preto, SP. *DST - Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*. 18, p. 224-230, 2006.

BRITO, Ana Maria de; CASTILHO, Eucilides A. de e SZWARCOWALD, Célia L. AIDS e infecção pelo HIV no Brasil: uma epidemia multifacetada. *Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical*. 34(2): 207-17, 2000.

CAMPOS, T. E.; MARTINS, R. A. Análise das questões da caixa de dúvidas sobre sexo de uma escola de ensino médio. *Colloquium Humanarum*, vol. 11, n. Especial, Jul-Dez, 2014, p. 753--760. Doi: 10.5747/ch.2014.v11

GIR, E.; DUARTE, G.; CARVALHO. M.J de. Opinião de universitários sobre o uso do condom e sua influência no exercício da sexualidade. *Medicina*, Ribeirão Preto, 30: 100-105, jan./mar. 1997.

JEOLÁS, L. S.; Juventude, sexualidade e Aids: aspectos simbólicos da percepção do risco e da vulnerabilidade. In: FIGUEIRÓ, M. N. D.; RIBEIRO, P. R. M. (Org.) *Adolescência em questão: estudos sobre sexualidade*. Araraquara: FCL – UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2006.

LIMA, H. e CARDOSO, J. Campanhas do governo federal em duas décadas de epidemia. Trabalho apresentado no III Congresso Nacional de prevenção às DST/Aids. Rio de Janeiro, RJ. Anais do III Congresso Nacional de prevenção às DST/Aids - 1999, 2000. p.323.

MANN, J. e TARANTOLA, D. J. M. (Eds.) AIDS in the world II. New York: Oxford University Press, 1996.

MENIN, M. S. S. Valores na escola. *Educação e Pesquisa*, v. 28, n. 1, p. 91-100, 2002.



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



PASCOM, A. R. P., ARRUDA, M. R. de e SIMÃO, M. B. G. Pesquisa de Conhecimentos, Atitudes e Práticas na População Brasileira de 15 a 64 anos 2008. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. 2011.

RAMOS, J. B. Universitárias e a negociação do uso do preservativo com o parceiro: relações de gênero implícitas na sexualidade. [Trabalho de Conclusão de Curso]. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista. Curso de Pedagogia. 2015.

TAQUETTE, S. R.; VILHENA, M. M. de. Uma contribuição ao entendimento da iniciação sexual feminina na adolescência. *Psicol. estud.*, Maringá, v. 13, n. 1, p. 105-114, Mar. 2008.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Patrocínio:



Apoio:

